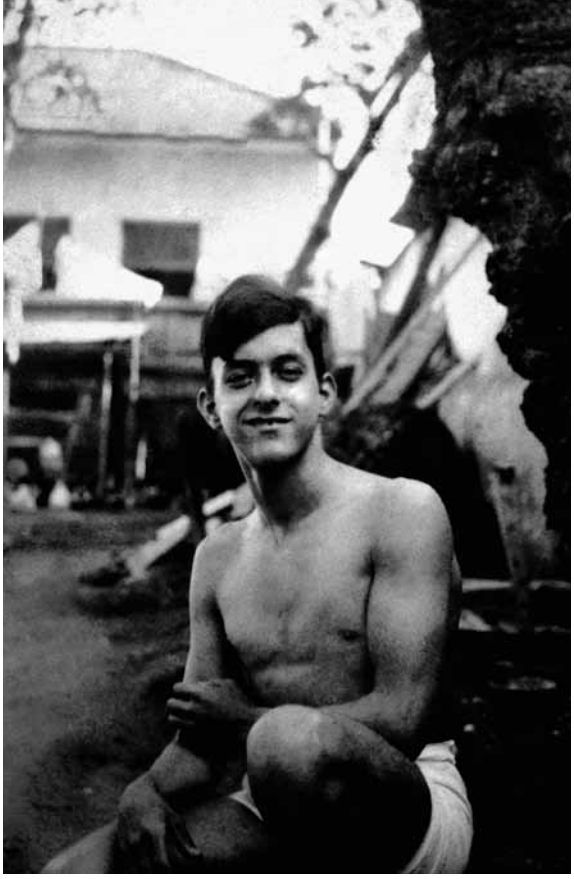
SOBRE VINICIUS E SUA OBRA



No quintal da casa de sua avó paterna, em Botafogo, Rio de Janeiro (1928).

Vindo de um misticismo de fundo religioso para uma poesia nitidamente sensual que depois se muda em versos marcados por um fundo sentimento social, a obra de Vinicius tem como constante um lirismo de grande força e pureza.

RUBEM BRAGA

(Orelhas da primeira edição da *Antologia poética* de Vinicius de Moraes, Rio de Janeiro: A Noite, s.d. Reed. em *Nova antologia poética*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003, reed. 2008).

Estamos, com Vinicius de Moraes, sempre à beira do abismo, o abismo do preciosismo. Mas o poeta é um guia seguro. Conhece os lugares perigosos e às vezes não resiste ao prazer de nos meter medo. Mas segura-nos logo pelas vestes e nos repõe no bom caminho. E tenho a certeza de que nunca se deixará arrastar, ele próprio, pela tentação do simples paradoxo ou do malabarismo estéril. Ele tem muito que dizer para dedicar-se em definitivo a tais jogos pueris. Quem escreve "Poema de Natal" está positivamente no caminho mais certo da poesia, o da porta estreita.

SÉRGIO MILLIET

(*Estado de S. Paulo*, 29 out. 1947. Reed. em *Poemas, sonetos e baladas*, São Paulo, Companhia das Letras, 2008.)

Muita gente vê na adesão de Vinicius à música popular um abandono de sua carreira de poeta. Mas essa é uma visão equivocada. Na verdade, trata-se de um desdobramento natural de sua experiência, que vem do metafísico ao cotidiano, do erudito ao popular. É um processo de redescoberta de si mesmo e de exploração permanente de suas potencialida-

des expressivas que o conduz à música. E é também um processo de desmistificação da poesia, como temática e como forma. Não pretendemos colocar a questão em termos de alternativa excludente: ou a poesia ou a música popular; nem adotar a tese, defendida por alguns, de que a canção popular, hoje, no Brasil, substituiu a poesia. Nada disso: uma e outra são manifestações específicas e não intercambiáveis. O próprio Vinicius não abandonou a poesia que, ao longo destes anos, mais de uma vez o solicitou. A sua entrega à música popular corresponde à sua formação de carioca, à sua experiência de boêmio e ao fundo sentimento romântico que é um dos traços mais vivos de sua personalidade.

FERREIRA GULLAR

(*Jornal da Tarde*, 12 jul. 1980. Reed. em *Poemas esparsos*, org. Eucanaã Ferraz, São Paulo, Companhia das Letras, 2008.)

Que imagem se tem do Vinicius "canônico"? A de um escritor neo-romântico, de grande maestria no domínio das formas fixas, e que privilegia a temática amorosa, sem prejuízo de bem-sucedidas incursões no campo da poesia social. O Vinicius inaugural já é — mais ou menos — assim. É isso, mais o peso de uma religiosidade explícita, e menos o domínio formal.

ANTONIO CARLOS SECCHIN

(Posfácio a *O caminho para a distância*, São Paulo, Companhia das Letras, 2008.)

Vinicius de Moraes é um dos poucos poetas que conservaram no seio da modernidade toda a força da grande tradição lírica da língua portuguesa. Decerto porque não teve medo de ser profundamente humano em tudo o que escreveu. A sua poesia combina de maneira admirável o requinte da fatura com a expressão íntegra das emoções.
A espontaneidade foi a sua mais bela construção.

ANTONIO CANDIDO

(Quarta capa da *Nova antologia poética,* org. Antonio Cicero e Eucanaã Ferraz, São Paulo, Companhia das Letras, 2003, reed. 2008).

O Vinicius escreveu poemas caudalosos com indagações metafísicas, que eram considerados sérios, e alguns anos depois estava escrevendo "vai vai vai vai vai" em "Só danço samba". Pode parecer um escândalo, mas aí está justamente um nó da poesia erudita e da música popular, dos dois campos, porque a palavra cantada remonta às origens da poesia, às origens mais primitivas, em que ela era necessariamente cantada, não se distinguia do ritual religioso, do teatro, nem da música ou da dança, mas também tem a ver com o desenvolvimento da poesia na Grécia, na Idade Média e, mais tarde, com a grande poesia feita pelos provençais. E é possível pensar o "vai vai vai vai vai" de Vinicius na perspectiva dos poetas concretos de São Paulo, avaliando-se que talvez haja mais poesia respeitável aí do que nos caudalosos poemas metafísicos. Se você tem uma mirada crítica mais livre e mais corajosa, pode, na verdade, inverter o valor. Talvez o "vai vai vai vai vai" seja uma ex-

pressão de poesia mais intensa do que a maioria dos poemas caudalosos, religiosos — não necessariamente todos — do primeiro Vinicius.

CAETANO VELOSO

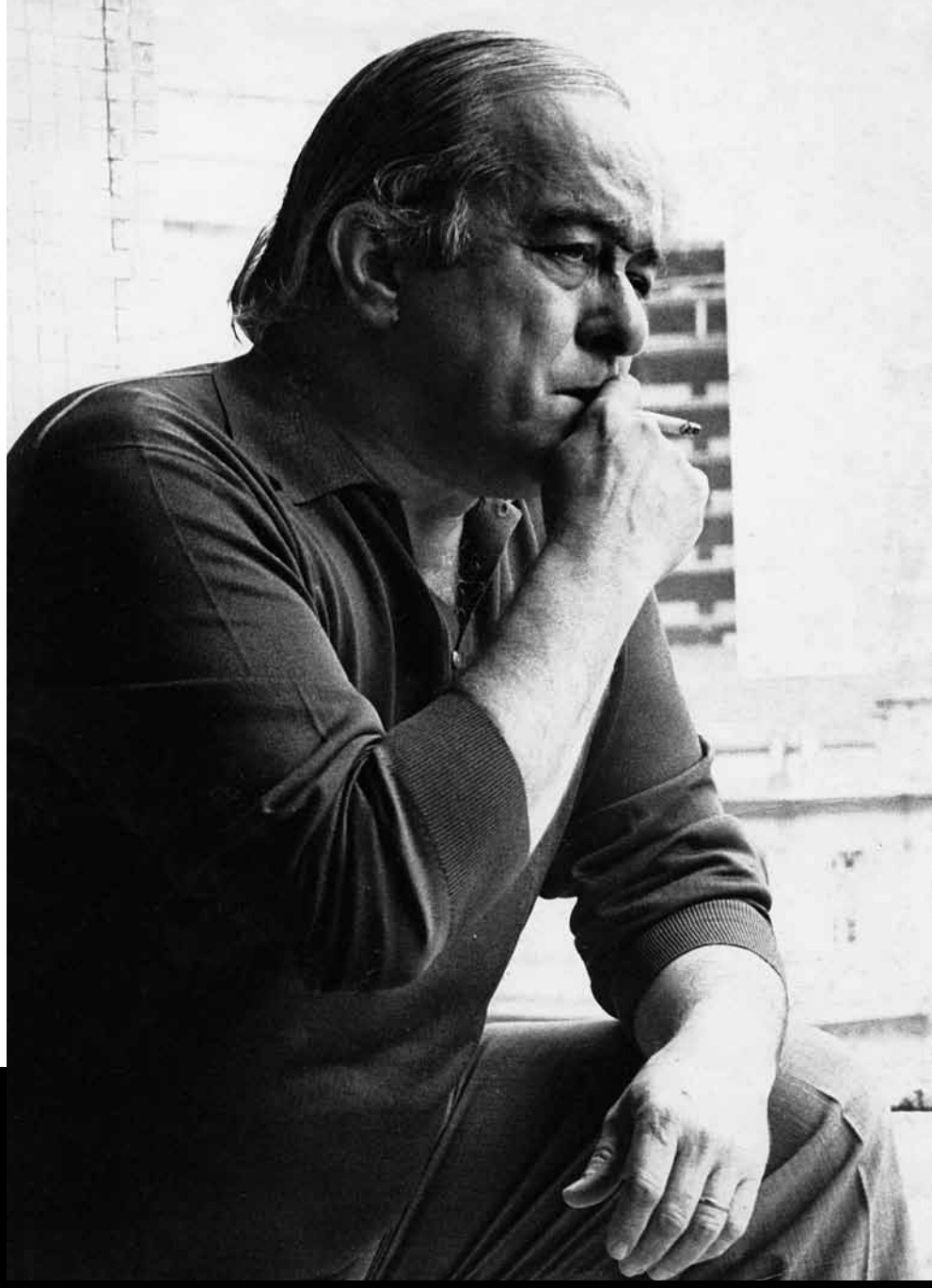
("Eu sou Vinicius de Moraes", *Poemas esparsos*, org. Eucanaã Ferraz, São Paulo, Companhia das Letras, 2008.)

No arco do seu itinerário de vida, que podemos olhar já à distância, tudo indica que Vinicius de Moraes não quis restringir-se ao cultivo rigoroso da poesia mais densa, mais seleta e rarefeita, não quis assumir qualquer filtro purista como modo de conduta, não quis confinar-se, em suma, no nicho dos estetas, embora tivesse poder de fogo de sobra para isso, considerada a alta qualidade do seu verso e da sua imaginação poética. Como dissemos, depois dos primórdios retóricos de uma poesia espiritualista e prenhe de verticalidade mística, Vinicius adotou uma certa horizontalidade reumanizada e, no rumo talvez de uma inclinação inversa, passou a trair ciclicamente todos os purismos, a começar dos próprios: da mística idealizante à "aproximação do mundo material" (mas sem perder a espiritualidade), da poesia transcendental à dissipação moderna (mas sem perder a ressonância com a tradição), da poesia literária à canção (mas sem perder a poesia), de "Chega de saudade" a "Tarde em Itapoã" (para não perder o gosto vário da vida). Nesse caminho, Vinicius pareceu galgar a cada vez um patamar abaixo do esperado pelos cultores das alturas, decepcionando os defensores da poesia transcendental contrários à poesia modernista (nos anos 40), os defensores da poesia escrita contrários à canção popular (do final dos anos 50 para os anos 60), os defensores da bossa nova contrários à canção mais elementar e hedonista (nos anos 70).

JOSÉ MIGUEL WISNIK

("A balada do poeta pródigo", posfácio a *Poemas, sonetos e balada*, São Paulo, Companhia das Letras, 2008.)

Vinicius foi desde sempre um exímio construtor de versos e poemas: inicialmente, no uso do verso livre — longo, largo, pleno de ressonâncias melódicas —, no apego a um campo semântico religioso e a um vocabulário muitas vezes nobre e requintadamente literário; mais tarde, na manipulação desassombrada da metrificação, da forma fixa, do verso curto e sintético, da rima e dos variados efeitos rítmicos do corte e do *enjambement*, somando-se a isso uma quebra de hierarquias que possibilitou uma abertura do poema a qualquer palavra, a experiências sintáticas, criações inesperadas com a língua e as línguas, rupturas, mas também a incorporação da fala mais simples e cotidiana. Embaralhe-se tudo isso — que parece linear e progressivo — e teremos então um poeta vigilante, aberto à experimentação e capaz, como poucos, de engendrar formas em que tradição e renovação jamais se antagonizam.

EUCANAÃ FERRAZ

("Simples, invulgar", posfácio a *Poemas esparsos*, org. Eucanaã Ferraz, São Paulo, Companhia das Letras, 2008.)